

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

RELAÇÕES, DISPUTAS E VALORES:
UM ESTUDO SOBRE OS FIÉIS DA IGREJA UNIVERSAL
EM UBERLÂNDIA

RODRIGO BARBOSA LOPES

RODRIGO BARBOSA LOPES

RELAÇÕES, DISPUTAS E VALORES:
UM ESTUDO SOBRE OS FIÉIS DA IGREJA UNIVERSAL
EM UBERLÂNDIA

Monografia apresentada ao Curso de
Graduação em História da Universidade
Federal de Uberlândia, como exigência
parcial para obtenção do título de Bacharel
em História, sob a orientação do Prof. Dr.
Paulo Roberto de Almeida.

Uberlândia, Julho de 2006

cód. LOPES, Rodrigo Barbosa.

Um estudo sobre os sujeitos participantes do neopentecostalismo, buscando compreender o crescimento dessa doutrina e as suas relações com a cultura e com as alterações econômicas de nossa sociedade.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História).
Universidade Federal de Uberlândia, 2008.

1. Neopentecostalismo. 2. Igreja Universal 3. Fiéis. I. Palavras e silêncios: disputas, memórias e histórias. II. Entre a fé e a cultura do consumo.
I. Título. II. Série.

CDU CDU

RODRIGO BARBOSA LOPES

RELAÇÕES, DISPUTAS E VALORES:
UM ESTUDO SOBRE OS FIÉIS DA IGREJA UNIVERSAL
EM UBERLÂNDIA

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo Roberto de Almeida - orientador

Prof. Dr. Sérgio Paulo Morais

Mestrando Carlos Meneses de Sousa e Silva

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, à minha família e aos meus amigos que souberam me ajudar quando precisei.

Durante a pesquisa e a criação dessa monografia, passei por uma grande perda pessoal. Parte deste trabalho teve uma importante participação de uma pessoa, que me acompanhou desde as primeiras transcrições. Agradeço a ela, Takie, uma companheira que não pode mais estar aqui, entre nós.

Agradeço aos meus pais, Sandra e César e aos meus irmãos, Murilo e Caio, pois sem eles não conseguiria concluir minha faculdade, a pesquisa e esta monografia.

À minha filha, minha estrelinha Vitória Sofia, quero dedicar esta monografia.

Aos meus amigos Thiago, Kellen, dona Yara, Renata, Wender, Marco Saliba e Maristela, que me ajudaram e estiveram ao meu lado nos bons e maus momentos.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Paulo Roberto de Almeida, que soube ter paciência e compreensão quando precisei e cobrar quando necessário.

Deixo um agradecimento especial para a Verônica e toda a sua família. Que este agradecimento seja o primeiro de muitos outros que quero dedicar a você.

RESUMO

Esta monografia busca problematizar como a memória é disputada dentro do espaço religioso neopentecostal e como a fala desses sujeitos é influenciada, mas não determinada pela Igreja Universal. Relaciona-se o discurso neopentecostal e o crescimento de sua doutrina, entendendo como a cultura, as alterações sociais e econômicas desenvolvidas no Brasil nas últimas décadas criaram um terreno fértil para doutrinas que propõem soluções rápidas e prontas para problemas reais, vividos pelo cotidiano dos fiéis que compõem o movimento neopentecostal.

Sumário

Apresentação	9
CAPÍTULO 1 – PALAVRAS E SILÊNCIOS: DISPUTAS, MEMÓRIAS E HISTÓRIAS	16
CAPÍTULO 2 – ENTRE A FÉ E A CULTURA DO CONSUMO	30
Considerações finais	43
Relação de fontes	44
Bibliografia.....	45

Apresentação

Naquela manhã fria, o céu não havia se espelhado no mar, mas sim, num cinza monótono, desbotado. Como foi difícil sair da cama e enfrentar aquela garoa fina. Pelo o breve caminho até a igreja, persistia a crença de que o templo não estaria cheio. Somente os mais fiéis enfrentariam o frio e a chuva daquela triste manhã de domingo.

Ao contrário de outros templos ostentosos da Igreja Universal, o local escolhido para este estudo não apresentava o luxo da fachada de mármore e nenhum estacionamento coberto. Apenas uma pintura sobre as portas, sempre abertas para qualquer público, identificava o prédio como uma Igreja Universal do Reino de Deus. A igreja utiliza uma construção antiga, localizada em um bairro periférico de Uberlândia.

Mesmo sendo ainda sete e meia da manhã – espantosamente – havia poucos lugares desocupados no interior do templo, apenas três ou quatro na última fila de modo que a igreja estava lotada e todos os fiéis estavam de pé em um fervoroso coro. À frente de todos os participantes da sessão, havia um jovem pastor, engravatado, que gritava para todos com imensa energia. Aquele grupo, que ultrapassava o número de cem pessoas, enfrentou toda a tristeza da manhã de domingo para estar ali. A igreja lotada, o frio, a chuva insistente, somados com o templo cheio, tornaram-se imagens vivas e revelaram que a paixão acadêmica pode não ser tão grande, se comparada à fé dos sujeitos que ocupavam os assentos daquela igreja.

Os apelos, a simbologia, as interpretações que eram feitas de trechos bíblicos, a pregação: tudo me parecia novo e espetaculoso. Houve dificuldades para entender o que acontecia, o que as pessoas queriam e o que a Igreja oferecia. Mesmo assim, procedeu-se a gravação e anotação de tudo quanto era possível, embora ninguém tivesse sido consultado. Esta atitude quase provocou o fim da pesquisa, pelo menos naquela igreja. O pastor saiu do palco onde ministrava a sessão, deixando um obreiro orando em seu lugar. Interrompeu a gravação e pediu para conversar depois.

A sessão continuou, o pastor pregava e os apelos coletivos dos fiéis aumentavam. Quando tudo terminou, foi explicado ao pastor que se tratava de uma pesquisa do curso de História, ou seja, um trabalho acadêmico, o que o tranquilizou. A explicação que ele me deu para a reação enérgica foi a eleição municipal, que acontecia naquele dia. Havia muita disputa em torno da candidatura de um pastor ao cargo de

vereador e todos temiam “ataques” dos candidatos rivais. Ao pedir desculpas pela falta de autorização e ele também se desculpou, mudando para um tom mais amigável. Foi solicitado a autorização ao pastor para conversar com os fiéis daquela igreja e “desde que eles queiram falar com você, não vejo problema” foi a resposta do líder daquele templo.

O que o pastor não via como problema foi utilizado como metodologia nesta monografia. A história oral foi tomada como o modo de produção das fontes para este trabalho e, usando essa metodologia, buscou-se conhecer o universo de (con)vivências dos neopentecostais. Não se trata de problematizar a Igreja Universal, com seus rituais ou com o discurso da prosperidade. Os protagonistas desta pesquisa são os sujeitos que lotaram a igreja naquela – e noutras – frias manhãs de domingo. A problematização consiste em buscar como a memória é disputada dentro do espaço religioso e de como as falas destes sujeitos se apresentam influenciadas, mas não determinadas pela Igreja Universal. Os indivíduos utilizam o discurso religioso para justificar e determinar o quanto a doutrina religiosa é importante para eles. Desenvolvem um diálogo sobre as disputas sociais e as superações destes problemas. Cada problema enfrentado pelo fiel está integrado ao campo da *batalha espiritual*, no qual ele necessita do apoio constante da fé e da religiosidade.

Trabalhar com a temática religiosa requer cuidados. Muitas vezes, a fé é narrada pelos fiéis como o bem mais precioso, o que exige uma sensibilidade para o diálogo feito durante as entrevistas. A realização dessas é importante, pois criam as fontes para a produção desta monografia. Há, porém, duas preocupações necessárias ao trabalhar com história oral. A primeira é a diferença desta investigação em relação a outras, que focaram seus estudos no discurso e no desempenho do neopentecostalismo e não nos fiéis desta nova fé. A segunda atenção é sobre o uso das fontes orais. Essas são criadas no momento da entrevista e não tornam esta investigação mais ou menos válida. É prudente essa consciência para não transformar o diálogo com os fiéis em *respostas* e não adotar somente as fontes orais como único alimento. A leitura de pesquisas e o conhecimento sobre o ambiente no qual vivem esses sujeitos são necessários, pois são os problemas *mundo* que circulam nos discursos – tanto dos fiéis, quanto da Igreja Universal.

Diante dessas discussões, as dúvidas eram o porquê de aquelas pessoas lotarem os templos, doarem as economias para a Igreja, acreditarem fervorosamente na mudança e se transformarem completamente, conforme prega o discurso dos fiéis e da própria

doutrina. Entretanto, este texto não tem a pretensão de determinar respostas a essas – e diversas outras – questões. A maior preocupação é problematizar o crescimento do neopentecostalismo, focando em como os sujeitos entendem essa expansão religiosa. Para isso, perguntas não são direcionadas à estrutura iurdiana¹, mas aos sujeitos que lotam templos em diversas sessões espirituais. São eles os responsáveis pelo crescimento quantitativo e qualitativo do neopentecostalismo. Mas como esses fiéis se identificam com esse crescimento? O que esses sujeitos, afinal, buscam no discurso neopentecostal? Como eles reproduzem a fala iurdiana?

Teologia da prosperidade, sincretismo religioso, dramatização da fé, neopentecostalismo. Os apontamentos e termos criados e utilizados em diversos estudos, tomados como empréstimos por pesquisadores deste movimento sem questionamentos importantes, não conseguem responder muitas perguntas acerca dessa temática. A definição do caminho não suspende ou diminui os problemas. Durante os muitos diálogos, percebe-se a proximidade da fala do sujeito com a fala da Igreja Universal e isto requer uma importante cautela para distinguirmos interesses e disputas presentes entre os fiéis. A colheita de fontes, feita por meio da história oral, não tem um papel simples de ouvir as histórias dos fiéis, mas de interpretar e problematizar o que eles têm a dizer. A história oral não tem o papel de criar respostas, mas de fornecer pistas e vestígios que atendem – ou não – às propostas desse estudo.

Neste momento, é necessário abrir parênteses e se posicionar quanto a alguns conceitos que serão desenvolvidos ao longo dessa monografia. A expansão religiosa do neopentecostalismo está ligada ao processo histórico e não se situa num plano imaginário ou das idéias. Os sujeitos buscam resolver problemas concretos e visíveis, causados pelas disputas sociais, em uma religião com discurso palpável. A fé e o discurso da prosperidade² partem de uma *realidade* e das práticas sociais e não de um “imaginário coletivo”. É a partir da experiência vivida, traçada e elaborada com os demais sujeitos, que os fiéis criam as falas e os silêncios sobre as próprias ações, *performances*, escolhas.

¹ IURD é uma derivação de Igreja Universal do Reino de Deus. A partir desse ponto, a referência a Igreja será feita por meio dessa sigla e seus seguidores também podem aparecer com a derivação lingüística iurdiano. O termo é utilizado pela própria Igreja e por alguns estudiosos, sobretudo das Ciências Sociais.

² O termo original, *Teologia da Prosperidade*, é amplamente utilizado sem uma problematização. Não cabe a essa monografia desenvolver ou criar uma fundamentação sobre esse termo, desconstruindo-a e colocando um novo nome no lugar. Contudo, acredito ser mais apropriado o uso de **discurso da prosperidade**, já utilizado em alguns trabalhos acadêmicos.

Os homens e mulheres também retornam como sujeitos, dentro deste termo [experiência] – não como sujeitos autônomos, ‘indivíduos livres’, mas como pessoas que **experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos**, e em seguida ‘tratam’ essa experiência em sua *consciência* e sua *cultura* (...) das mais complexas maneiras (...). (THOMPSON, 1981. p. 182) **(Grifos nossos)**

As relações sociais não são determinadas por uma ideologia ou, no caso do tema desta monografia, por uma metafísica³. Os fiéis articulam necessidades e interesses, que são comuns não apenas aos integrantes da Igreja Universal, mas a *todos* aqueles que vivem dentro de uma cultura em que há a disputa de classe. É sensato apontar que, como escreveu Thompson, a experiência foge a qualquer definição estreita de determinação. Trajetórias de vida semelhantes podem criar discursos similares, mas é necessário destacar que o indivíduo – não aquele do neoliberalismo – propõe respostas diferentes, para problemas gerais. Contudo há uma linha, algumas vezes quase palpável, que cruza o discurso dos sujeitos e pode esclarecer (ou, o que é melhor, problematizar) questões a respeito desse movimento. Essa linha, que amarra a fala dos sujeitos estudados nessa monografia, é a memória.

Ao cruzar as diversas falas para *criar* as fontes, o trabalho historiográfico que utiliza a história oral não deve ter uma estima diferente de produções com outros tipos de documento.

Que nossa história seja autêntica, lógica, confiável e documentada como deveria ser um livro de história. Mas que contenha também a história dialógica da sua formação e a experiência daqueles que a fazem. Que demonstre como os próprios historiadores crescem, mudam e tropeçam através da pesquisa e no encontro com os sujeitos. (PORTELLI, 2000. p. 143)

Há, certamente, algumas particularidades quando trabalhamos com memória. É um terreno movediço, de difícil caminhada. É necessário o cuidado em reconhecer como as relações sociais tencionam para que os sujeitos busquem alternativas àquelas propostas pela economia ou pela cultura. A memória está organizada a partir desse buscar e não determinada por um discurso externo ou supostamente hegemônico.

³ Não é necessário abrir parênteses para escrever sobre o que é *cultura*, *consciência* e *experiência*. Uma monografia não deve ter essas preocupações (ou pretensões).

A questão é que não creio muito em algo que se coloque como uma memória coletiva, porque não vejo onde está situada uma memória coletiva, a não ser nas atividades intelectuais de cada um dos indivíduos. (...) No entanto, o que vemos na História Oral é mais a memória que cada ser humano tem individualmente.

Essa memória é um produto social, porque todos nós falamos um idioma, que é um produto social; **nossa experiência é uma experiência social**, mas não se pode submeter completamente a memória de nenhum indivíduo sob um marco de memória coletiva. Cada pessoa tem uma memória, de alguma forma, diferente de todas as demais. Então, o que vemos, mais que uma memória coletiva, é que há um horizonte de memórias possíveis. (ALMEIDA; KHOURY, 2001/2002. p. 28) **(grifos nossos)**

As memórias, coletadas e trabalhadas, podem proporcionar o contar de outras histórias, diferentes daquela que exigem um “H” na inicial. Isso não consiste em buscar uma identidade social ou coletiva dos fiéis da Igreja Universal e pregar-lhes um rótulo novo e *acadêmico*. Trata-se de problematizar e queimar estereótipos estampados sobre a IURD usando, para isso, o discurso dos sujeitos participantes desse movimento religioso. Deve-se entender e problematizar como disputas sociais criam alternativas de resistência. Palavras e silêncios, produzidos a partir da experiência e da memória, fornecem pistas para compreender e ferramentas para problematizar a dinâmica das relações sociais. Fecho o parênteses aqui.

As entrevistas com os fiéis foram realizadas, em geral, nos locais de vivência dos iurdianos. Essa preocupação não surge apenas como um atendimento à curiosidade, uma vez que é pertinente conhecer os locais que esses sujeitos ocupam na sociedade. Saber como é a realidade daqueles que acreditam na *transformação* é fundamental para entender o que querem mudar. É tão importante quanto a leitura de livros que teorizam o esmagamento neoliberal sobre as camadas mais populares da sociedade. Deparar com a realidade de casas pequenas e humildes, apertadas por edifícios e escondidas pela negligência do poder público, é uma tarefa necessária ao trabalho historiográfico. Os diálogos, o suor, as lágrimas, os risos, a reza, a simplicidade do lar e a complexidade dos sentimentos são conteúdo importante para a produção deste estudo.

Há uma construção/criação das fontes, conforme ocorre na análise e leitura de outras referências. O trabalho com fontes orais não torna este trabalho melhor, mas simplesmente, o torna mais próximo da dinâmica da realidade social e do cotidiano dos sujeitos partícipes de um movimento religioso vivido no Brasil nas últimas décadas. Sob essa orientação, constata-se que as fontes orais são primordiais para entender a dinâmica do processo religioso e das transformações que atingem os sujeitos iurdianos.

Diferentemente de outros estudos sobre essa temática, aqui a proposta é conhecer o universo de (con)vivências dos neopentecostais. Trata-se de problematizar como memória é disputada dentro do espaço religioso e de como a fala destes sujeitos se apresenta influenciada, mas não determinada pela Igreja Universal. O sujeito utiliza o discurso religioso para justificar o quanto este é importante para si como um amparo. Para isso, desenvolve um discurso no qual as disputas sociais e superações dos problemas surgem como batalhas espirituais, que necessitam do apoio constante da fé e da religiosidade.

Compreender como os fiéis organizam esse discurso é o primeiro ponto abordado neste texto. Durante a produção das fontes orais, a narrativa criada pelos sujeitos demonstra nitidamente um horizonte de memórias possíveis, uma linha clara que cruza os discursos daqueles fiéis. A narrativa guiada pela memória tem como referência a conversão religiosa, que cria um passado e um futuro (de conquistas e realizações). Novamente, é importante lembrar a fala de Portelli, quando esse orienta que, na produção da história oral, o narrador dirá aquilo que o entrevistador quer ouvir – ou o que o entrevistado acredita ser importante para o pesquisador. Isso quer dizer que há a ciência de que não é gratuita a organização comum entre os iurdianos, mas, mesmo assim, esta não deve ser descartada ou menosprezada.

A organização deste trabalho será feita de acordo com as fontes produzidas pelas entrevistas feitas com os fiéis da IURD. O primeiro capítulo discute as narrativas daqueles que participam do neopentecostalismo. Busca-se questionar a forma como os sujeitos organizam os discursos, entendendo como surgem as tensões e as disputas vividas por estes na sociedade. Palavras e silêncios não são expostos pelos iurdianos de forma gratuita e despretensiosa, mas com interesses de criar uma imagem positiva sobre o discurso neopentecostal.

Em seguida, o segundo capítulo propõe a discussão sobre como os interesses materiais dos sujeitos se misturam com a fé. Expectativas e sonhos não possuem um laço apertado ao mundo espiritual. O sonho da casa própria, do carro novo, da viagem, do casamento bem sucedido e da saúde plena aparece em várias falas, de diversos fiéis. Contudo, o discurso da prosperidade não surge dos fiéis como eco propagado pela Igreja Universal e outras igrejas neopentecostais. Ao mesmo tempo, o que os sujeitos criam como expectativas, é fomentado pelo discurso iurdiano no qual fé e conquistas aparecem ligadas. Cada vitória diante dos desafios cotidianos desses fiéis, denominados pela doutrina de batalha espiritual, é promovida e destacada. Além disso, o segundo

capítulo mostra como o neopentecostalismo, doutrina religiosa da Igreja Universal, utiliza os elementos da cultura cristã como vestimenta para alcançar diversos sujeitos, de diferentes classes sociais.

Organizar o trabalho com essa linha de pensamento tem o propósito de desconstruir conceitos comuns e, ao mesmo tempo, não colocar outras explicações prontas e definidas no lugar, mas questionar como os iurdianos se vêem dentro da dinâmica neopentecostal. Trata-se de entender que hipnose e dramatizações não podem fornecer respostas à expansão dessa doutrina, mas é possível que o esmagamento criado pelo neoliberalismo sobre as camadas mais populares da sociedade proporcione pistas mais concretas. Relacionar e identificar como narrativas se cruzam com a realidade exposta no contexto de cada entrevista é necessário para demonstrar como a expansão do neopentecostalismo é um desdobramento da nova ordem econômica, no qual sujeitos buscam superar os limites impostos pela realidade em que vivem.

Por que aqueles sujeitos foram à igreja, mesmo sendo uma fria manhã de domingo? Quais eram os anseios, as necessidades, os sonhos, as expectativas, as histórias, as memórias, as experiências, as interpretações etc. daquele público que lotava a pequena igreja? Essas perguntas/problematizações foram e ainda são fontes para o desenvolvimento desta monografia. Não significa buscar números ou dados, mas expressões e linguagens que possam sintetizar o desespero que é viver as tensões sociais no cotidiano, algo visível e palpável em cada entrevista. Trata-se de entender o que a nova fé faz ao protagonista deste estudo e, principalmente, como esse se vê dentro do discurso arrebatador da Igreja Universal do Reino de Deus.

CAPÍTULO 1 – PALAVRAS E SILÊNCIOS: DISPUTAS, MEMÓRIAS E HISTÓRIAS

Teologia da prosperidade, sincretismo religioso, dramatização da fé, hipnose, curandeirismo. São muitos os conceitos e nomes atribuídos ao neopentecostalismo e às práticas existentes em seu meio. Contudo, há poucas explicações para a expansão dessa doutrina, silêncio que constituiu um desafio para escrever essa monografia. A carência de produções acadêmicas foi suprida pelo uso de fontes orais, obtidas em entrevistas de fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus da periferia de Uberlândia, no período de 2004 a 2008. Durante esses quatro anos, por meio de uma pesquisa fomentada pela CNPQ/UFU, foi possível repensar alguns conceitos – ou até preconceitos – criados pelo senso comum ou pela pouca quantidade de produções acadêmicas sobre esse assunto, geralmente textos das Ciências Sociais.

Trabalhar com história oral dos sujeitos que participam da IURD requer cuidados, pois religiosidade nunca será algo simples de ser discutido ou problematizado. É necessário, também, ter ciência de que a fonte oral não torna a pesquisa mais ou menos válida. Nesse sentido, não foi preciso entrevistar e caracterizar todos os fiéis de uma determinada igreja, uma vez que fazer mais entrevistas não significa, em nenhum momento, ter um maior número de fontes ou estar mais próximo de uma suposta verdade.

Os fiéis iurdianos entendem e absorvem o discurso da Igreja Universal e esse entender e absorver devem ser investigados e discutidos. Por meio de memórias e vivências, os sujeitos constroem explicações para as práticas e discursos iurdianos. Há semelhanças entre a fala dos fiéis, o que não significa que exista *um* só discurso ou que haja *uma* determinação da Igreja Universal sobre os sujeitos. É preciso considerar experiências, memórias e vivências dos sujeitos, além da presença do discurso neopentecostal e do contexto histórico no qual essa dinâmica religiosa se desenvolve.

O individualismo e o consumismo aparecem de forma clara e muito viva no discurso da Igreja Universal e dos próprios fiéis. As falas iurdianas são pertinentes para aqueles que vivem nessa disputa social e, indo além, é *mais um* fruto do nosso tempo histórico. Inserem-se nesse discurso as seguintes postulações: as necessidades dos fiéis devem ser atendidas rapidamente; as graças concedidas são conquistadas – e usadas –

em vida e estão relacionadas ao tamanho do abismo existente entre as classes sociais; as bênçãos divinas chegam aos sujeitos como conquistas materiais. Tudo isso está incorporado ao discurso da prosperidade, que cria para aqueles que freqüentam igrejas neopentecostais uma expectativa positiva quanto ao futuro de conquistas ainda em vida.

Entretanto as semelhanças das respostas, ouvidas durante as entrevistas, não surgem somente porque a IURD possui *um* discurso da prosperidade, que é claro, conciso e envolvente, propondo resoluções de problemas (individuais ou sociais) por meio de práticas religiosas. Percebe-se que cada fiel articula o discurso iurdiano, utilizando experiências e a memória para construir uma fala que valorize a prática neopentecostal e o exercício do discurso da prosperidade. Esses sujeitos justificam que, ao participarem com fervor de correntes e campanhas criadas pela Igreja, conseguem alcançar as bênçãos propostas. Nas entrevistas produzidas ou até nas conversas informais, não há registros de que existe busca por uma salvação eterna, redenção misericordiosa ou salvação da alma após a morte. Os fiéis narram, durante as entrevistas, problemas relacionados com o *abismo* entre as classes e colocam o discurso da prosperidade como uma escada social.

A leitura sobre os documentos produzidos nas entrevistas tem a intenção de problematizar e perguntar (utilizando “por quês”) o que os sujeitos dizem e, a partir disso, levantar outras questões. Isso significa ouvir palavras e silêncios e questionar, por esse caminho, o crescimento e a expansão do neopentecostalismo e como essa doutrina assume um discurso assistencialista.

Por outro lado, historiadores que trabalham com a história oral estão cada vez mais cientes de que ela é um discurso dialógico, criado não somente pelo que os entrevistados dizem, mas também pelo que nós fazemos como historiadores – por nossa presença no campo e por nossa apresentação do material. A expressão ‘história oral’, por conseguinte, contém uma ambivalência que, intencionalmente, retarei neste *paper*: refere-se simultaneamente ao que os historiadores ouvem (as fontes orais) e ao que dizem ou escrevem. Num plano mais convincente, remete ao que a fonte e o historiador fazem juntos no momento de seu encontro na entrevista. (PORTELLI, 2001. p. 10)

Palavras e silêncios não são apenas lidos ou ouvidos, mas discutidos e problematizados. Trabalhar o que foi produzido nas entrevistas com os fiéis pode proporcionar entendimentos ou despertar importantes dúvidas. Ao usar o discurso de trabalhadores – em sua maioria, gente simples – que lotam ostentosos templos, pode-se ter um parâmetro capaz de propiciar uma explicação sobre as agressões provocadas na

sociedade pelo neoliberalismo, visto que o neopentecostalismo cresce, em boa parte, sobre o desespero, o medo e as desvantagens daqueles que vivem esmagados por essa ordem econômica e social.

Esta monografia não tem a pretensão de dar voz aos sujeitos classificados como excluídos e colocá-los na história. Os fiéis da Igreja Universal já possuem vozes e fazem parte de um processo histórico sem ajuda de alunos universitários. O trabalho consiste – no máximo – em escrever uma historiografia sobre os sujeitos neopentecostais. Trata-se de dialogar, por meio de entrevistas, e problematizar com a fonte produzida, tendo consciência de que esta pesquisa estuda uma disputa social. Ao mesmo tempo, o fiel não deve ser classificado como vítima de um discurso arrebatador. Afinal, antes de serem fiéis e lotarem os templos, mesmo numa fria manhã de domingo, eles são sujeitos sociais. São trabalhadores que vivem em um espaço urbano, passam por problemas econômicos e utilizam o discurso neopentecostal como uma busca, não pura e muito menos ingênua, de um caminho para melhorar as próprias condições de vida.

A primeira entrevista realizada nesta pesquisa permanece apenas em memória, pois a gravação em áudio ficou com uma qualidade terrível e não foi transcrita. O diálogo foi realizado na casa da fiel, numa tarde de sábado, e mesmo desconsiderando o problema da gravação, aquela entrevista foi a menos proveitosa quanto ao fornecimento de conteúdo textual. Contudo, foi importante para compreender o caminho a ser tomado pela pesquisa que precedeu esta monografia. A fiel era uma mulher humilde, com a idade próxima aos trinta anos, funcionária pública e mãe de três filhos. Seu marido ainda “não tinha aceitado Jesus”, assunto que não foi prolongado. A ênfase na fala da fiel estava voltada para a sonhada casa própria, para a expectativa do aumento da renda financeira e para o futuro dos filhos. A importância da entrevista foi constatar como as necessidades daqueles fiéis não eram excepcionais e que as carências não eram do plano metafísico, pois o discurso da Igreja Universal propõe realizações ainda em vida. Dessa forma, as necessidades dos fiéis não estão distantes dos desejos daqueles que vivem num contexto social semelhante, mas fora da doutrina neopentecostal. Constatar isso no começo permitiu que alguns preconceitos não continuassem ao longo da pesquisa e que não participassem dessa monografia.

A organização do discurso dos sujeitos não passa por determinações de uma hierarquia interna da Igreja, mas por uma complexa relação de influências que funciona em duas vias. Isso coloca o discurso do fiel ligado ao movimento religioso, mas não

preso a este. A fala do iurdiano é articulada de acordo com a experiência e memória, mas como se trata de um movimento coletivo, é possível perceber as semelhanças entre as respostas criadas pelos fiéis durante as entrevistas. São falas que estão próximas em conteúdo, colocando sempre o momento da conversão à doutrina neopentecostal até o instante da entrevista como ponto de partida para a narrativa. O momento anterior à conversão é descrito de forma negativa, ao contrário do que ocorre com a descrição do futuro, período de prosperidade e conquistas.

Esse contar sobre o passado, feito pelos fiéis no momento em que o gravador é ligado e o pesquisador inicia com a primeira pergunta, revela como há uma tensão no discurso neopentecostal em relação à memória desses sujeitos. Há uma clara intenção de qualificar o passado de forma negativa, de colocá-lo como o momento de derrotas. Não é difícil entender o porquê, pois ao classificar o passado como um momento ruim o fiel consegue valorizar a adesão à IURD e, conseqüentemente, validar a eficiência do neopentecostalismo. É importante não olhá-los como indivíduos desprendidos de uma realidade social e entendê-los como sujeitos que estão inseridos em um cenário econômico desfavorável. O crescimento quantitativo no número de fiéis a essa doutrina explica o quanto essa ordem econômica exclui, colocando os sujeitos à margem de conquistas e de uma situação de estabilidade financeira.

Para isso, todas as derrotas são descritas e ocupam toda a existência dos sujeitos antes destes se converterem. O vício, a prostituição, os problemas financeiros, o desemprego, as doenças, as crises familiares e outros problemas ganham destaque na descrição sobre o passado. Nesse contexto, o diálogo com a senhora Márcia Olímpia, de 45 anos, foi aberto com a pergunta sobre esse tempo, antes de encontrar a doutrina neopentecostal e, conseqüentemente, o “Senhor Jesus”.

Eu conheci o senhor Jesus numa época difícil da minha vida (...) era uma pessoa rebelde, era uma pessoa doente e os médicos não sabiam o que eu tinha realmente. Meu pai me trouxe para a igreja, o pastor fez uma oração e eu me libertei daquele problema naquele mesmo dia. Eu tinha uma dor de cabeça que... me matava, e os médicos não sabia o que era e naquele mesmo dia que eu cheguei na igreja Jesus me libertou. Aí sim eu pude ver realmente, que Jesus existia e ele poderia não só curar, mas me libertar de tudo. É isso que me aconteceu.⁴

Durante os diálogos com os fiéis, em entrevistas ou conversas informais, percebe-se que as falas e sentimentos dos sujeitos contêm uma conduta influenciada,

⁴ Entrevista com Márcia Olímpia, 45. Feita em fevereiro de 2005.

mas (novamente) não determinada pela Igreja Universal. Quando aprofundamos a análise (ou *esticamos* a conversa), percebe-se a inexistência de uma ingenuidade ou pureza. Os fiéis trabalham com as palavras e formulam um discurso que valida toda a ação do neopentecostalismo. Apelos são expostos com clareza e constrói-se um discurso no qual as exigências devem ser prontamente atendidas para que a fé continue inabalável.

(iurdiano) Antes da igreja eu tinha uma vida fracassada. Sou formado em administração de empresas, tenho curso superior completo e sou de Belo Horizonte. Não conseguia emprego lá, eu recebia o mínimo...

(Pesquisador) Estagiário?

(iurdiano) É! E eu já tinha minha família e morava num barracão e... era eu, minha esposa e minhas duas meninas é... eu bebia muito, fumava muito é... tinha dias que eu nem conseguia colocar comida em casa... minha esposa também tinha assim uma vida miserável... e as nossas filhas passavam dificuldades. Foi assim que eu cheguei na [Igreja] Universal. Ela [a esposa de Erik] chegou primeiro né, ela foi primeiro depois me levou, depois de um mês e... com o passar do tempo a gente foi aprendendo né a... a conhecer este Deus que até então eu era católico vindo de um berço católico né (...).⁵

Tornar trágica a vida “antes da igreja” enaltece a conversão, transforma a IURD em instrumento poderoso e capaz de transformar lobos em cordeiros, ou homens falidos em *homens de sucesso*. Será?

Estou a seis anos na igreja, até hoje a gente vai vendo as transformações pelo que a gente vai passando. E... lá em BH minha esposa tinha um instituto de beleza. Ela conquistou um título beleza, eu tenho um carro, um carro muito bom. A gente tem apartamento lá, eu vim para cá transferido. Já sou gerente de uma grande empresa. E vim para cá transferido para Uberlândia, eu moro numa casa muito boa que tem piscina, três quartos, suíte. A gente... eu, eu tenho... gado, meu pai mexe com fazenda lá no Pará e... eu compro gado dele também e, tenho alguns investimentos e cada dia Deus vai transformando mais a vida da gente.⁶

Parecem de pessoas diferentes, mas essas palavras (juntamente com os silêncios) foram ditas por um mesmo fiel, em poucos minutos. É importante observar como a fazenda do pai ou o instituto de beleza da esposa inexistem quando Erik Fadul fala sobre o próprio passado. Há uma preocupação maior em denegrir aquela época, torná-la

⁵ Entrevista com Erik Fadul Magalhães. Feita em fevereiro de 2005.

⁶ IBID.

difícil e problemática, justamente para *comprovar* a transformação proposta pelo discurso neopentecostal quando este apresenta um presente com conquistas e um futuro promissor.

Com o ato de contar e reler o passado à luz de um presente vivido simbolicamente como “novo nascimento”, a narrativa-testemunho recupera, no movimento e produção da memória, uma verdade de si, a verdade de uma nova identidade que, se não rompe de todo com o passado, busca construir, no presente novo, um novo modo de afirmação social, atravessado pelos valores e sentidos que a crença carrega. (FRANCISCO, 2007. p. 163)

A transformação é o momento de abandono do passado e o início de uma nova vida, no qual o fiel segue o discurso neopentecostal. No caso iurdiano, é descrito a ocasião da conversão, do abandono dos vícios e dos erros como o recomeço de uma nova vida. Mais importante do que a transformação, a questão a ser colocada é *por que* transformar? A resposta pode ser direcionada, primeiramente, ao discurso da IURD, ou seja, o que neopentecostalismo define como certo e errado. Além disto, é necessário entender que os sujeitos mudam porque possuem um propósito particular para isso, seja a conquista do emprego, a estabilidade financeira ou, até mesmo, a cura de alguma doença “incurável”. É um compromisso, no qual o sujeito aceita as exigências da religião – criadas pela IURD – e, como moeda de troca, recebe as bênçãos divinas. Como foi descrito por um fiel, na porta de um templo, “ninguém chega à igreja porque está bem de vida, todo mundo vem aqui porque tem problemas”.

Antes de aprofundar em como os sujeitos entendem o sentido de transformação, é necessário mostrar como a IURD define o *caminho* para a verdade e o que é essa mudança. A IURD, assim como qualquer doutrina, assume um caminho de ponte entre o religioso e o plano metafísico. Mas há algumas diferenças importantes que devem ser assinaladas, uma vez que aparecem no discurso dos sujeitos. A fé e as conquistas possuem uma proximidade muito grande e inexistem sozinhas. Para conquistar é necessário ter fé e esta só existe se Deus conceder a prosperidade. No decorrer desse caminho de duas vias entre o sujeito e Deus está a ponte, ou seja, a Igreja Universal do Reino de Deus.

E não se trata apenas de intermediar, ser um espaço no qual os fiéis expressam a fé e a religiosidade. O principal diferencial das igrejas neopentecostais está no espetáculo criado em torno da fé, pois esta aparece como uma energia dentro da fala dos

sujeitos neopentecostais para se alcançar o que é desejado, no sentido de que não se consegue nada sem acreditar na doutrina e em Deus. O teste da fé se faz dentro das sessões espirituais, principalmente durante o dízimo, a oferta e o sacrifício. Cabe à IURD criar campanhas para que essa crença nunca seja abalada, mas sempre renovada. A cada semana, as denominações criam objetos e um discurso de ligações superficiais com os textos bíblicos para as campanhas. Não há, no entanto, uma insistência com o indivíduo, ou seja, uma preocupação do pastor com a Maria ou o João. O discurso neopentecostal se aproxima do neoliberal ao apontar que alcançar a prosperidade depende da fé do sujeito, e não do trabalho da IURD.

Minha vida hoje, sem a Igreja Universal, não teria sentido. Não pela igreja, mas pela vontade de Deus. Primeiramente, se não há a vontade em nós, não tem como Ele fazer a obra. E dentro desse trabalho que tenho freqüentado na Igreja Universal, tenho aprendido muitas coisas, principalmente o que? Usar a fé, por que esse é o principal trabalho da igreja.⁷

A vida espiritual se reflete diretamente em práticas do cotidiano. É raro colher, em entrevistas, algo relacionado à vida pós-morte, o que é um princípio básico da religião. O neopentecostalismo, mais do que uma doutrina, é uma religião vivida em uma realidade social, não no imaginário. Para incentivar o fiel a continuar na IURD ou, como é muito comum, atrair sujeitos de outras denominações religiosas (outras igrejas evangélicas ou até mesmo de outras religiões, sobretudo o catolicismo), a Igreja Universal estimula a fé com espetáculos em torno de simbologias ligadas a alguma passagem bíblica. Do caminho do sal à aliança vermelha, há um sem-número de símbolos criados pelos neopentecostais com a função de ilustrar para os fiéis a proposta de cada campanha, por meio de débeis interpretações de trechos bíblicos. Sempre que os sujeitos tentam explicar algo da Bíblia, recorrem à fala do pastor ou aos programas de rádio e televisão. Raramente recorrem à fonte original.

Para ilustrar essas campanhas, os objetos utilizados são simples e comuns aos sujeitos: um vaso (facilmente substituído por um copo descartável) para depositar as maldições, um anel vermelho para quebrar a inveja, caminhar sobre sal para se livrar de problemas espirituais. Em entrevista, a senhora Divina e a senhora Elizabete explicam como elas entendem essa materialização da fé.

⁷ Entrevista com Luiz Carlos da Silva. Feita em fevereiro de 2005.

(Pesquisador) Nestas libertações, muitas vezes eu assisti alguns eventos da Igreja Universal e eles fazem geralmente campanhas, e usam alguns elementos, a senhora pode me explicar o que são estas campanhas?

(Iurdianas) Quais elementos você quer dizer?

(Pesquisador) Por exemplo, usam alguns símbolos, como a aliança, a quebra da aliança, tem a...

(Iurdianas) Isso é uma corrente que a gente faz, é uma corrente que... como é que fala Beti (*tem o vinho também, tem o óleo e tem a água... eles usam muita água... o sangue do cordão... só que é o suco da uva, não é o vinho mesmo não*) não é o vinho mesmo não (*o óleo representando o Espírito Santo*).

(Pesquisador) Mas o que é isto dentro da Igreja Universal? Por que que se usa uma aliança vermelha, uma caixinha para poder colocar... um copo, geralmente, se usa muito isto e eu queria entender melhor o uso destes símbolos.

(Iurdianas) Não porque a quebra da aliança, quando a gente faz, é para a gente libertar do mal que estiver na vida da gente e quando você quebra aquela aliança (*mas quando ela é quebrada, por exemplo, ela é quebrada*) quando ela é quebrada, você quebra todo o mal, toda a praga que estiver na sua vida (*O mal teve seu começo e depois ele vai ter um fim*) porque a aliancinha ela é aberta, ela tem dois lados, quando a gente quebra ela, a gente puxa assim então ela quebra, então você quebrar a aliança você está quebrando a maldição que tem na sua vida, na sua família...

(Pesquisador) E os outros símbolos que existem na Igreja Universal... as outras práticas...

(Iurdianas) Aí tem de tudo né, tem muita coisa, tem o caminho do sal... a gente vai tudo pela Bíblia, na Bíblia tem tudo isto, né Beti? (*Tem.*) Na Bíblia tem tudo isto... então a gente vive a Bíblia, ali o que está escrito na Bíblia... na Bíblia a vida espiritual né, agora a gente vive fazendo aquilo que está na Bíblia, a gente vive no dia-a-dia, por exemplo, tem o caminho do sal, no caminho do sal tem um... (*Porque o Davi venceu a maioria dos inimigos dele no caminho do sal*) venceu no caminho do sal... então ele venceu lá não sei quantos homens, porque eu não tenho lá gravado assim na cabeça né... porque é muita coisa que a gente aprende né... então ali naquele vale de sal ele venceu muitos homens... aí então a gente faz o vale do sal e quando faz de vez em quando... e quando faz, faz muitas semanas, meses né Beti? (*Umas nove terça-feira.*) porque sempre *sempre* é feito na terça-feira né, a quebra da aliança sempre é feita na terça-feira, então é muita coisa que a gente faz, a gente faz na terça-feira por que é dia do descarrego né... o descarrego é fazer um descarrego espiritual, né... espiritual assim, do espírito do mal, né.. para libertar gente, liberta a família da gente do espírito do mal... para não acontecer nada... por exemplo, se você estiver numa igreja você pode orar para... orar para sua família toda, porque o que tiver de acontecer às vezes... se na sua família você tiver um irmão, e ele tiver junto com outro, e acontecer um acidente de

moto, o outro pode machucar, mas seu irmão não machuca, por quê? Porque através da sua oração e da sua fé (*Você dá o livramento.*) dá o livramento, você livra seu irmão e não acontece nada com ele, mais por mais uns arrainhãozinhos... mas não acontece nada com ele.⁸

Dona Divina não explica o porquê do uso de tantos símbolos, apenas os descreve. Foi assim com vários fiéis, pois muitos não entendem (ou mesmo, não conseguem ler) as Escrituras Sagradas. A explicação, sem uma proposta de reflexão, pode mostrar como se comporta essa ponte entre o fiel e Deus. A Bíblia, por transcender a doutrina neopentecostal e ser um dos símbolos maiores da cultura cristã, é mais utilizada para fundamentar e ilustrar o discurso do pastor do que ser um material de estudo dos fiéis.

A fé, além de servir como combustível para as conquistas, aparece como arma dentro do que os fiéis entendem como *batalha espiritual*. Afirma-se que todos os problemas relacionados ao cotidiano dos fiéis ou até mesmo com tragédias internacionais foram provocados por “entidades demoníacas”, denominadas encostos, que são o grande empecilho para as conquistas, para a prosperidade desses sujeitos. O encosto – com essa presença constante – torna-se uma ameaça para a felicidade dos fiéis.

(Pesquisador) O que é encosto?

(Iurdianas) Encosto é o espírito do mal. O espírito de coisas que já morreram há muitos anos, né... por exemplo, já ouviu falar no capeta né? Então capeta com encosto, demônio, essas coisas, é tudo uma mesma, tudo uma mesma coisa né... e o que que eles querem? Eles “qué” matar, roubar e destruir. Família em geral. Então, quando acontece esses terremoto, essas coisas tudo de ruim... o que que está ali no meio? Um acidente que mata muita gente (*a maioria das encruzilhadas tem o despacho, né... que faz as oferendas para eles, a maioria dos despachos estão nas encruzilhadas, onde acontece muito acidente...*)⁹

Existe uma associação entre encostos e religiões afro-brasileiras. As doutrinas neopentecostais, sobretudo a Igreja Universal, possuem um discurso que claramente demoniza entidades do candomblé e de religiões semelhantes. Geralmente os encostos seriam oriundos, segundo o neopentecostalismo, dessas doutrinas e seriam responsáveis

⁸ Entrevista com dona Vilma Vieira de Oliveira, 66. As falas entre parênteses e em itálico são de Elizabete Ferreira Oliveira, 32. Feita em 26 de outubro de 2005.

⁹ IBID

por todos os transtornos, seja na ordem espiritual ou material. Existe uma materialização desse confronto no discurso neopentecostal, segundo o qual o devorador retira do sujeito todas as condições de conseguir a graça. O mal ou o devorador se personifica no desemprego, nos problemas de saúde, na crise familiar etc., e disputa a batalha espiritual dentro do universo de significados neopentecostais. Justifica-se, novamente, a necessidade das campanhas que aparecem como instrumentos para que o fiel não perca a batalha espiritual. Mais uma vez, é clara a isenção da IURD quanto à condição do fiel, pois quem perde é o sujeito. O trabalho da Igreja é feito durante as campanhas e, caso o fiel *pereça* na batalha espiritual, a responsabilidade não será da IURD.

Cabe ao fiel participar dessas campanhas, articuladas e criadas pela Igreja Universal. Em cada evento, é necessário cumprir a oferta ou o sacrifício, que são pagos em dinheiro e provocam a grande crítica sobre a IURD e, também, sobre os fiéis. Talvez esta seja a parte mais movediça desta monografia, mas é necessário trilhá-la. Existem diferenças entre dízimo, oferta e sacrifício. A explicação oferecida por um pastor foi de que o dízimo é dez por cento do que o sujeito adquire por mês e ocorre para uma *manutenção* da graça divina. Já a oferta é retirada do restante da renda do fiel e existe para que este consiga uma graça *simples* de Deus, como a compra de um bem de pequeno valor ou a cura de uma doença. Por sua vez, o sacrifício é feito em campanhas especiais, como a Fogueira Santa, e é o momento de pedidos maiores, como a casa própria, o carro novo ou a cura de uma grave doença.

Para explicar como o fiel entende isso, descreve-se uma destas sessões: o pastor iniciou os pedidos para a Fogueira Santa em R\$ 5.000,00. Era visível o transtorno entre os sujeitos que estavam naquele templo, pois ninguém tinha aquela quantia. Segundo o mesmo pastor, quem fizesse aquele sacrifício, conseguiria o *impossível*. Mas o valor era alto demais e ninguém se moveu até a *caixinha*. Após insistir por algum tempo, o pastor começou a reduzir o valor e chegou a *apenas* R\$ 50,00, quando um número considerável de pessoas depositou os envelopes, recheados de dinheiro. Foi um ganho, pois a graça que tinha um valor superior a dez salários mínimos foi conseguida por R\$ 50,00.

Volta-se à questão da crítica sobre ambos os lados da moeda. Deve ser entendida a situação daqueles sujeitos que estavam na igreja naquela manhã de domingo, constrangidos por não terem R\$ 5.000,00. Não há ingenuidade ou pureza em nenhum lado da cédula, pois existe um interesse claro na doação do fiel, que é a compra da graça

divina. Em muitas reportagens sobre essa temática, há uma crítica sobre o espetáculo da fé e de como os sujeitos são ludibriados a doarem todas as economias.

(Iurdiana) Sim, trabalhava e vivia endividada. A partir daí, o primeiro milagre foi a cura, e a partir de então eu passei a frequentar a Igreja e fazer correntes conforme o pastor havia me orientado, passei a fazer corrente e perseverar nas correntes de prosperidade, e onde fui aprendendo a ser dizimista, aprendendo a ser fiel, a ofertar na casa de Deus e eu foi vendo o resultado na minha vida.

(Pesquisador) Antes de você começar a vir na igreja... (ela começa a falar, interrompendo).

(Iurdiana) Gastava muito com farmácia, não ganhava mal na época, mas mesmo assim eu não via onde tava indo meu dinheiro, então era uma vida de miséria, de fracasso, era terrível...¹⁰

É mais plausível entender que díizimos, ofertas e sacrifícios acontecem mais para atender às expectativas dos sujeitos, que querem e acreditam em uma ascensão social, do que devido ao show da fé promovido pelas igrejas neopentecostais. É aqui que percebemos o quanto essa doutrina está vinculada com uma realidade social, pois o transtorno daqueles fiéis, naquela manhã de domingo, também pode ser entendido como medo de não conseguir a graça divina do dia. É o medo de ser excluído dos planos divinos, de enfrentar o devorador sem proteção, de voltar à vida de vícios, doenças, prostituição. E, se somarmos esse medo à expectativa criada pelo fiel de conseguir o *impossível* por meio da oferta, entende-se o porquê de alguns sujeitos doarem para a IURD boa parte do salário, o que é mais plausível que a hipnose ou pirotecnia criada no palco, como sugerem alguns. A partir disso, o discurso da transformação feito pelo sujeito possui o sentido de reforçar a doutrina e justificar a participação nessas campanhas. Inverte-se aqui uma perspectiva de estudo sobre a IURD, pois se trata de entender o neopentecostalismo, analisando a partir dos fiéis e da realidade social na qual estes vivem.

As correntes, como também são conhecidas as campanhas, possuem um caráter individualista. Mesmo quando estão direcionadas para as famílias, não existe uma concepção de coletivo para aqueles que participam das sessões em um mesmo templo. Isso também foi percebido vista durante as entrevistas, pois eram poucos os entrevistados que conheciam outro integrante da igreja. Não há campanhas que

¹⁰ Entrevista com Márcia Olímpia, 45. Feita em fevereiro de 2005.

envolvem os fiéis, mas apenas a ação solitária do iurdiano. É a oração em casa, o pagamento da oferta e o uso de alguns dos objetos fornecidos pela IURD que completam a campanha. Não há necessidade de uma ação coletiva, pois todas as ações partem apenas do indivíduo.

Em uma sessão espiritual, o pastor pregou sobre a desnecessidade de ajudar pedintes com moedas ou comidas. “Eles te pedem dinheiro para beber pinga, para o devorador consumir por meio dele”, gritava o líder espiritual. A boa ação, segundo o pastor, poderia ser feita por meio da compra de um jornal feito e distribuído pela Igreja Universal. Ao contrário de outras religiões ou doutrinas, o neopentecostalismo pregado pela IURD exime o fiel de trabalhar em evangelização ou qualquer prática que exija a sua presença deste fora do horário da sessão espiritual ou do espaço da igreja. Enfim, não é isto que está sendo ofertado nem procurado dentro dos templos iurdianos. Mesmo que a busca seja para tirar o filho do vício das drogas, é para o filho que essa mãe ou pai orará não para outras pessoas envolvidas com esse problema. Durante a pesquisa, não foi presenciado nenhum um momento de trabalho em conjunto sendo articulado pelos fiéis.

Nesse sentido, a ponte entre Deus e fiel feita pela IURD seria considerada como bem percorrida quando a prosperidade se faz visível na vida desses indivíduos. Isto mostraria que o *diálogo* fiel/Deus está dando certo.

Primeiramente, eu tive câncer entendeu? Peguei câncer no pulmão... Fumava... entendeu, Deus fez a obra, parei com esse vício “graças a Deus”, hoje eu não fumo mais, eu mexia com droga, hoje não mexo mais... sem contar o que? A partir do momento que passa a usar essa fé, buscar realmente de todo o coração em Deus, não tem porque Deus não fazer na vida da gente. Como hoje, a conquista que vou conquistando (...) eu posso desafiar a Deus e por minha fé em prática. Como os homens de Deus falam ali naquele altar, muita gente às vezes chega até a duvidar, mas isso tem que estar no coração, como está no coração?

A partir do momento que você faz um **desafio** com Deus, não tem como Deus não te abençoar, não tem como Deus não agir, por quê? Porque você fica totalmente na dependência dele. E eu tenho feito isso na minha vida hoje... Por quê? Vamos partir para o lado material: eu estava com a vida totalmente fracassada. Eu estava com nome no SERASA, Deus foi lá fez a obra, hoje tenho talão de cheque, não tinha um carro, hoje meu carro está aí na porta... um Tempira azul, não sei se você viu está aí na porta, para quem andava de bicicleta... você entendeu? Então a partir do momento que você vai trabalhando com Jesus, e você deixa

Deus te usar, você vê a obra. E graças a Deus... olha (...) se fosse para eu abandonar este Deus que tenho dentro de mim (...) eu até falo (...) prefiro mil vezes a morte um minuto antes do que voltar a praticar o que fazia no mundo antes, porque o que eu sofri, hoje eu não quero mais, na minha vida, não.¹¹

Outro ponto importante na fala do senhor Luiz Carlos da Silva é como há a absorção de valores pregados dentro da IURD. O termo “desafio” utilizado por ele é descontextualizado dentro de outros segmentos religiosos. Assim desafiar Deus não significa um confronto, mas colocar a fé do indivíduo em prova. Estes desafios são lançados pelos líderes da IURD em determinados dias da semana, isto é, os fiéis têm sua fé “desafiada”.

Esse desafiar amarra a relação entre fé e recompensa e consegue nomear a relação entre fiel e Deus. A Igreja Universal não participa desse desafio diretamente, pois apenas a fé e a bênção divina estão em jogo. Como Deus é um dogma, a fé é a única parte desafiada. Isso explica a rotatividade, pois muitos indivíduos não esperam a suposta bênção e saem da Igreja, se desvinculando da doutrina. Durante campanhas, como a Fogueira Santa, percebe-se nitidamente o aumento da quantidade de fiéis no templo.

A presença de ofertas e dízimos, segundos os próprios iurdianos, são os motivos pelos quais há tão forte perseguição aos neopentecostais. Porém, os iurdianos assumem a atitude de grupo perseguido e, com isso, os sujeitos identificam nas críticas externas elementos da “batalha espiritual”. Percebemos que estes sujeitos possuem em comum nos seus testemunhos a constante referência aos elementos que caracterizam essa luta como algo ligado ao processo de transformação. As batalhas são consideradas conflitos duais, nos quais a percepção do sujeito é de que nós, homens, estamos em meio a um embate.

A transformação – o desvinculamento do passado e o advento do momento presente – é, para estes sujeitos, o ápice desta “batalha espiritual” e está entrelaçada com o processo de construção do passado dos fiéis. Transformação é a mudança da postura ética que estes sujeitos adquirem ao se converterem. Isto implica na adoção de uma nova forma de vida, numa nova conduta. É interessante mostrarmos que os indivíduos integrantes deste segmento religioso, ao entenderem o discurso realizado pelos líderes iurdianos somam-no isto com as próprias experiências de vida.

¹¹ Entrevista com Luiz Carlos da Silva, feita no dia 27 de fevereiro de 2005.

Desse modo, busca-se um padrão de vida, idealizado pelo sistema econômico e social no qual vivemos, por um meio religioso. Percebe-se que os sujeitos excluídos desse padrão querem um espaço, querem viver – não apenas sobreviver. O abandono e o desleixo do Estado neoliberal, que não aplica políticas que possam reverter os problemas sociais, mas apenas adota medidas paliativas, abre um espaço sem precedentes para que ações individuais e coletivas ganhem força nas camadas mais populares. Contudo, algo já perceptível dentro das igrejas neopentecostais é a presença da classe média, o que pode contradizer alguns estudos, que afirmam se tratarem de religiões de pobres e miseráveis.

Sem dúvida, o maior crescimento do neopentecostalismo é sobre as camadas populares. Entretanto a proposta primordial desta monografia é mostrar que esse crescimento e expansão não ocorrem devido à ignorância, ingenuidade e falta de estudos. Cresce devido ao desespero, medo e/ou ganância por tempos melhores. Todo espetáculo precisa de uma platéia, mas o público neopentecostal está atrás de algo além de um show da fé. São sujeitos que querem condições de vida propostas por um estilo fomentado pela mídia e estimulado pela própria IURD. Querem viver, no agora, o discurso da prosperidade.

CAPÍTULO 2 – ENTRE A FÉ E A CULTURA DO CONSUMO

Uma multidão de fiéis lota os templos religiosos da Igreja Universal por causa dos problemas de exclusão social existentes em nossa sociedade. O neopentecostalismo cresce devido à pobreza e exclusão. No entanto, permanecer nisso é tautologia que não leva a lugar nenhum. Para prosseguir, neste segundo capítulo, é necessário criar novas perguntas, como “por que escolher *justamente* o neopentecostalismo?” Há muitas alternativas para responderem essa indagação e algumas já foram abordadas, superficialmente, na primeira parte deste trabalho. É evidente que os problemas causados pelo neoliberalismo, como a exclusão e a ausência (ou quase desaparecimento) do Estado para questões sociais, ampliam a quantidade de fiéis dentro de igrejas neopentecostais. Mas é necessário acrescentar um ponto fundamental nesta monografia para desamararrar um nó e poder, assim, fluir com o texto.

Religiosidade não pode ser explicada somente por um viés econômico ou ausência de um Estado social. É necessário considerar a cultura e entendê-la como um modo de vida, dentro de processos sociais repletos de significações que, querendo ou não, alteram e/ou interferem na própria história (WILLIAMS, 1992). O neopentecostalismo faz um discurso amparado em valores do cristianismo, mas os propõe de forma diferenciada das outras doutrinas cristãs. São essas diferenças ao transmitir e cobrar os valores que tornam a doutrina neopentecostal singular dentre as religiões cristãs e, mais especificamente, discriminada entre os próprios evangélicos.

Mas de qual cultura estamos falando? Certamente, há uma quantidade infinita de definições do *que é cultura*, bem como de teóricos que tentam formular respostas prontas para isso. Mantendo o caminho já indicado anteriormente, de cultura como *modo de vida*, ressalta-se nisto que o consumismo e a globalização estão presentes no cotidiano de milhões de pessoas em forma de produtos, serviços, informações, práticas ou idéias.

Pode-se propor – caso se restrinja a visão sobre o neopentecostalismo utilizando apenas os conceitos econômicos (neoliberalismo) e político (globalização) – que esse movimento religioso se expande por vários lugares do planeta devido às facilidades de se transitar entre as fronteiras e por causa das formas de impacto da nova ordem

econômica, mesmo em diferentes lugares do mundo. Este não seria um pensamento incorreto, mas incompleto. Novamente, mesmo em diferentes lugares do mundo, o neopentecostalismo utiliza a estrutura cristã para transmitir valores específicos da doutrina. Contudo, é necessário considerar o consumismo como uma área de contato expandida entre as necessidades dos sujeitos que freqüentam a igreja com a proposta do discurso da prosperidade criada (ou fomentada) pelo neopentecostalismo.

O domínio atual do neoliberalismo – o conjunto de políticas que inclui a liberalização do comércio, privatização, a redução (e, em alguns casos, quase eliminação) dos serviços sociais subsidiados pelo Estado, tais como a saúde e a educação, a diminuição dos salários e o enfraquecimento dos direitos trabalhistas – contribuiu para o deslocamento da esquerda em termos de tomada de poder estatal (que, em muitos casos, não resolveu o problema da soberania) para políticas destinadas a fortalecer os direitos civis e humanos e a qualidade de vida. Os partidos políticos convencionais e até os progressistas tiveram muito pouco êxito no combate a essas políticas. Em primeiro lugar, porque o processo político institucionalizado é muito deficiente em suas respostas às necessidades sociais e, depois, porque enormes pressões de interesses financeiros internacionais não só vêm desencorajando as reformas, como também aumentaram as desigualdades, por exemplo, a da distribuição de renda. Conseqüentemente, os atores mais inovadores em determinar estratégias para ações políticas e sociais são os movimentos sociais e as ONG's, nacionais ou internacionais, que os sustentam. Esses atores estimularam a cultura – definida de várias formas – na qualidade de um recurso para a exploração capitalista (por exemplo, na mídia, consumismo e turismo), e como uma fonte de resistência contra as investidas desse mesmo sistema econômico. (YÚDICE, 2006. p. 121-122)

O neopentecostalismo arrasta mais do que uma multidão de fiéis. O discurso da prosperidade arrebanha uma legião de *consumidores*, ávidos pela esperança de conquistar condições melhores de vida, em vida. Hábitos e costumes são influenciados por um padrão mágico de bem-estar social, no qual o *ter* é tratado de forma simples pela mídia e pelo próprio neoliberalismo. O consumismo assume uma aparência falsa de democracia e de acessibilidade a todos. Utilizando esse terreno para se desenvolver, o neopentecostalismo usa as vestimentas cristãs – conhecidas dentro dessa esfera cultural – para criar um discurso atraente e inteligível para os sujeitos de diversos extratos sociais.

Trata-se de pensar o neopentecostalismo como um fruto do processo histórico no qual vivemos, sem desconsiderar que se trata de um movimento religioso. Esse momento histórico permitiu a formação e o desenvolvimento da Igreja Universal do

Reino de Deus e de várias outras instituições religiosas, bem como a alteração de diversas doutrinas, que se aproximaram do neopentecostalismo, se afastando do “simples” pentecostalismo.

As duas últimas décadas consistem numa fase de intensas mudanças no contexto social e urbano. Foi nesse período que em países que adotaram políticas neoliberais, gradativamente, as políticas sociais perderam atuação, cedendo lugar para iniciativas individuais fora do cenário político administrativo. Organizações não-governamentais, doutrinas religiosas, iniciativas privadas e um sem-número de outros grupos sociais atuam para assumir o espaço aberto pelo Estado e para buscar solucionar os diversos problemas sociais criados pelo neoliberalismo. Seria o caso da Igreja Universal e das demais doutrinas neopentecostais?

Ao somar as mudanças que ocorreram no cenário social de países que passaram pelas alterações provocadas pelas políticas neoliberais, pode-se começar a responder a essa pergunta. A IURD criou um discurso conveniente, de fácil entendimento e adesão, pertinente ao momento histórico no qual vivemos. O individualismo e o consumismo aparecem de forma clara e muito viva no discurso da Igreja Universal e dos próprios fiéis.

É... eu já vi até médico aí procurar emprego em jornal. Então... eu acho que... hoje... é... nós temos uma nação, nós temos um problema seriíssimo aí a quantidade de pessoas que estão formando hoje e o mercado não estão dando conta de absorver isso... né... é... e em função disso você encontra grandes profissionais que não tem chance de mostrar o seu trabalho né. Agora, eu, eu... igual eu te falei, é de coração... eu acho que a pessoa buscando Deus ela não precisa nem saber a ler. Eu conheço o caso de uma moça que ela estava morando embaixo de uma ponte né... ela era mendiga quando ela chegou na igreja. Eu conheço a história dela, eu acompanhei a história dela... hoje ela dona aí de... é locadoras, ela mexe com... uma empresa de... é... eu esqueci... enfim, então a vida é muito abençoada. Tem carros importados, tem apartamentos, tem... e... em comparação – você vê – que tem muita gente que está na Igreja Universal que ainda não está bem né.¹²

Não se trata de discutir se há ou não veracidade na fala do fiel, mas mostrar como as falas destes sujeitos criam o que é a graça fornecida de Deus por meio dessa doutrina. A principal preocupação dessas falas, seja da IURD, seja do sujeito praticante dessa doutrina, é mostrar o quanto o discurso da prosperidade é algo prático e visível.

¹² Entrevista com Erik Fadul. Feita em fevereiro de 2005.

Cria-se um elo entre esta doutrina e a cultura consumista e, indo além, coloca-se o cristianismo e seus respectivos valores como um mero *pano de fundo* presente em todo o movimento neopentecostal.

O discurso neopentecostal proporciona um entendimento mais prático e terreno do que o de outras doutrinas. Incluindo a noção de batalha espiritual, todas as adversidades adquirem faces e nomes, mesmo quando estão agrupadas sob a característica de encostos. Os problemas financeiros, familiares, de saúde, de moradia e de segurança são apresentados pelos neopentecostais (Igreja e fiéis) como adversidades que devem ser superadas e nunca vividas. Ao contrário de outras doutrinas cristãs, o neopentecostalismo rejeita a noção de destino e proporciona aos seguidores a idéia de desafiar a Deus.

“Ninguém vem à igreja se está bem de vida, se está tudo certo. Quem está aqui é porque tem alguma coisa que quer melhorar... pode anotar aí na sua pesquisa.” Isso foi dito na porta da mesma igreja que iniciei esse estudo. Não é algo inovador ou esplendido, mas é importante pensarmos sobre *quem nos disse o quê*. Como o dono da frase foi um dos fiéis e esta me foi dita na porta da igreja, pouco depois de terminado uma sessão espiritual, a frase soou sim como algo diferente da imagem dos fiéis neopentecostais que geralmente é veiculada.¹³

Não se pretende afirmar a inexistência de práticas alienadoras, mas defende-se aqui que os sujeitos sabem muito bem o que querem do neopentecostalismo. Se o discurso da Igreja Universal hipnotiza ou aliena, isso pode ser pesquisado em outro estudo, por outro pesquisador e, como sugestão, de outra disciplina, como a psicologia. Cabe aqui problematizar como, por que e o que os sujeitos buscam no discurso da Igreja Universal. As expectativas, os sonhos, as vontades etc. aparecem de forma articulada na fala de cada um. Há uma busca pelo conforto e pelo bem-estar social, uma amostra de que essa doutrina cresce sobre o terreno da cultura consumista e individualista na qual vivemos. É o carro do ano, a casa dos sonhos, o emprego bem remunerado, a estabilidade familiar, uma boa saúde, a segurança do lar etc. que satisfazem os fiéis. O discurso neopentecostal se aproxima mais do arrebatador do que do alienador ou hipnotizador.

¹³ Certa vez, em uma comunicação oral, apresentava esse tema e, em um determinado momento, afirmei que não há ingenuidade ou alienação, mas uma percepção diferente e uma forma específica de apropriarem e buscarem melhoras em suas condições sociais. Fui execrado. Era evidente, para muitos ali, que os neopentecostais eram alienados e alguns dos ouvintes da comunicação afirmaram que eram hipnotizados.

Discutiu-se, no primeiro capítulo, sobre como os fiéis discursam utilizando uma memória que é forjada a partir do momento da *transformação*. Nessa segunda parte da monografia, a proposta é relacionar o discurso criado pelos sujeitos com a expectativa do futuro dos próprios fiéis, observando como eles identificam essas transformações em suas próprias vidas para poderem projetar o amanhã. Trata-se de entender como o discurso sobre o futuro está ligado à cultura do consumo e do individualismo e, ao contrário do que se espera de doutrinas cristãs, de como há poucos elementos que expressem idéias metafísicas.

Isso corrobora o discurso da prosperidade, característica principal do neopentecostalismo. Uma definição simples dessa prática é que o fiel deve usufruir da felicidade plena ainda em vida, desde que tenha fé em Jesus. É essa noção de felicidade, além da forma de representar essa fé, o caminho para entender a relação entre neopentecostalismo e consumismo.

A fé existe para que algo seja conseguido, alcançado. Não há fé *por acaso*, pois esta sempre deve ser acompanhada de um propósito. Dona Divina, uma senhora de 66 anos, disse em entrevista que “(...) se a pessoa tiver fé, mas tem que ter muita fé, aí sim, aí a pessoa sobe... porque aí a pessoa larga e abandona tudo isto, tudo que não presta... mas agora eu acho que não são todas as igrejas que fazem isto. A IURD eu tenho certeza que faz”¹⁴. Em outra entrevista, em certo momento do diálogo, é criado um problema para a entrevistada.

(Pesquisador): O que é fé?

(Iurdiana): Fé, pra mim, é tipo assim... quando você está com fome e tem um bom prato de comida e você olha e fala assim “ah, eu não posso comer agora”... aí você vê assim, “mas o que está me impedindo de comer”? aí você vai, e come!, *saceia* da fome olha para o tempo e fala, “nossa, mas como é bom ta de barriga cheia”, você entendeu?, é mais ou menos nesse estilo, aquilo dentro de você fica calmo, pacífico, fica numa harmonia muito grande...¹⁵

Apesar de ser comum o uso da palavra fé nas respostas dos sujeitos para explicar a conquista ou as vitórias, poucos conseguem explicar de forma objetiva o que seria isso. Todos afirmam, durante a entrevista, tê-la. A explicação anterior, fornecida por uma fiel, mostra o uso abusivo de uma linguagem figurada, de uma tentativa de

¹⁴ Entrevista com Divina Viani. F. Requieri, 66 e Elizabete Ferreira Oliveira, 32. Feita em maio de 2006.

¹⁵ Entrevista com Juceli de Fátima Silva, 39. Feita em 10 de maio de 2007.

reproduzir o discurso do pastor, visto que o exercício do pastor não é muito diferente, pois ele reproduz determinados trechos bíblicos sem explicar todo o contexto.

A fé aparece como uma energia no cotidiano e é explicada, pelos discursos desses fiéis, como elemento necessário para alcançar o que é desejado. Não se consegue, segundo os fiéis, nada sem acreditar na doutrina e em Deus. O teste da fé se faz dentro das sessões espirituais, principalmente durante o dízimo, a oferta e o sacrifício. No neopentecostalismo, a fé não surge nos discursos como algo praticado no cotidiano, mas demonstrada para Deus num lugar próprio, que é o templo. A função da fé, além de salvaguardar o fiel diante da batalha espiritual, é ajudá-lo numa prática denominada pelos neopentecostais como um *desafiar* a Deus. Fé e desafio são as duas faces do relacionamento entre fiel e Deus dentro do neopentecostalismo. O primeiro capítulo tratou a fé como suporte para a transformação, mas é importante entender que crer também é plataforma de conquista e que não surge como um pedido, mas como uma exigência a ser cumprida.

(Pesquisador) Então no caso não existe a questão do destino... orando eu posso, por exemplo, conseguir uma salvação ou participando do caminho do sal eu posso, no caso, eliminar isto [o mal]?

(Iurdiana A) Pode eliminar isto da sua vida, se você tiver, por exemplo, um... você o povo fala é... como é que você falou?

(Pesquisador) Destino.

(Iurdiana A) Destino! (risos) Não acredito no destino né, Beti? A gente não acha assim, para nós é assim, nós acreditamos muito no encosto, né... coisa espiritual, coisa do mal, não sei se você acredita... tem gente que acredita, tem gente que não... tem gente que acha que existe, tem outros que acha que não existe... mas na verdade existe e muito, porque o espírito do mal vive em volta da gente 24 horas por dia, e nisso ele está ali só mesmo prestes a pegar em qualquer falhazinha sua desse tamazinho... ele tá pronto para te ferrar.

(Iurdiana B) E a gente vence ele quando tem as reunião de quarta-feira e domingo, né, aí a gente fica revestido de Deus né, aí a gente busca nos domingos...¹⁶

Muito do que se entende como certo e errado dentro da cultura cristã é mantida pelo neopentecostalismo. O encosto, ou devorador, como também é conhecido, possui diversas características e é uma *entidade* com nomes oriundos do candomblé, o que não

¹⁶ Entrevista Divina Viani. F. Requieri, de 66 anos e Elizabete Ferreira Oliveira, de 32 anos. Realizada em maio de 2006.

é mero acaso. O discurso neopentecostal sobre *batalha espiritual* deixa claro quem são os inimigos e quais são as adversidades criadas por ele. Essa batalha exige que a fé esteja sempre renovada e este fortalecimento ocorre durante as diárias sessões espirituais. O embate entre neopentecostalismo e candomblé não será discutido nesta monografia, mas pode ficar como uma questão aberta, pois é possível identificar muitos elementos que aproximam essas duas doutrinas, apesar de aparecerem como extremos de uma ferradura.

Essa luta contra as adversidades não ocorre de forma coletiva, mas é individual. As campanhas de fé surgem para os indivíduos como renovação. No caso da IURD, pela promoção de diversas campanhas religiosas, nas quais, ao término de uma semana sobre a família, inicia-se outra sobre a vida financeira, por exemplo. Essa prática aparece nos discursos e narrativas dos fiéis como uma forma de ter a fé reforçada. Dona Divina e dona Elizabete, durante a entrevista, mostram o que entendem por destino, algo inexistente na doutrina que praticam. Se existe um problema ou uma adversidade, isto está ligado à ação de algum encosto e deve ser superado por meio da fé, com ajuda das sessões espirituais da IURD. Além de superar essas adversidades, a fé é plataforma para a prosperidade e necessária para as conquistas e para alcançar a felicidade ainda em vida.

As orações não surgem como pedidos, mas como desafios. Estes, por sua vez, devem ser acompanhados de *provas* de fé, que são as ofertas e os sacrifícios. Se o fiel pode *testar* a capacidade divina de abençoá-lo, logo, a fé do sujeito também deve ser colocada em prova. É evidente que, quanto maior o sacrifício ou a oferta, maior é a prova de fé que o fiel demonstra.

Mas nem sempre o fiel consegue ser atendido em seus desafios. Se, após participar de todas as sessões propostas pela Igreja, freqüentar diariamente o templo e praticar todas as ações, o freqüente não chegar bênção nenhuma, não se pode culpar Deus, pois isto seria desrespeitar um dogma. A IURD, que assume a função de caminho para se chegar a Deus, e o próprio fiel são os únicos que podem ser responsabilizados quando a graça não chega. Mas como culpar a Igreja Universal? Ela esteve aberta todos os dias, com os pastores, obreiros e todas as demais atividades em normal funcionamento e, além disso, outros fiéis conseguiram alcançar um propósito. Fica, como maior responsável quando uma graça não é alcançada, o próprio fiel que a solicita. A fé é inerente ao indivíduo e não é produzida pela IURD, mas apenas estimulada. Faltou fé ao sujeito e, desta forma, o propósito não pôde ser alcançado.

(Iurdiana) Acho que depende muito da fé da pessoa né, de mim depende muito da fé, porque eu tenho muita fé em Deus (...) eu tenho muita fé, então eu consigo muita coisa pela minha fé, mas que manda é a fé. Se tiver fé você consegue, mas sem fé não adianta você ir não...

(Pesquisador) O que é fé?

(Iurdiana) Fé... você vai consciente de que aquilo ali... de que Deus vai te ajudar. Eu vou porque Deus está comigo, e eu vou lá na casa do senhor e ele vai me ajudar... você pensa assim. (silêncio) ¹⁷

Novamente, torna-se claro como a fé é inerente ao sujeito, não à Igreja. A IURD motiva com alianças e saís e, se o sujeito for capaz, conseguirá desenvolver a sua crença, caso contrário, “não adianta nem ir”. Do outro lado está o fiel, que não possui parcimônia e exige um rápido atendimento. As vontades e as necessidades são levadas para a igreja para serem “pronto-atendidas”. Não se trata de discutir aqui se há milagres, mas como os sujeitos entendem, identificam e tratam a Igreja Universal como referência para as soluções rápidas, imediatas. Os problemas levados são freqüentemente ligados ao cotidiano desses sujeitos, como a conquista da casa própria, a compra do automóvel, o fim das dívidas, o equilíbrio familiar, o emprego para si ou para os filhos, a superação dos vícios e cura de doenças. Isso mostra que, se a fé parte do indivíduo, anula a IURD de qualquer responsabilidade. Caso o fiel não consiga a conquista da casa própria ou a cura de determinada doença, faltou-lhe a fé. A ponte nunca está, dessa forma, com defeitos. Muito menos Deus. Se algo está errado, cabe ao fiel rever suas atitudes e se este está seguindo os propósitos, ou seja, se cumpre corretamente as campanhas criadas pela IURD.

Relatos de doenças sem cura ou sem uma explicação racional, por exemplo, são falas comuns. Câncer e outras doenças gravíssimas aparecem com freqüência, porém é importante destacar que “no [neo]pentecostalismo, os milagres são freqüentes, mas isso não os transforma em eventos banais” (MAFRA, 2001. p. 57). Há uma valorização das características do neopentecostalismo, pois problemas hediondos são, aparentemente, resolvidos por meio da fé do indivíduo. É evidente que, se não houver fé, o pastor e todo o trabalho da IURD perde o poder.

¹⁷ IBID

Clara Mafra mostra em seu livro, “Os Evangélicos”, como o desenvolvimento do trabalho da Igreja deve ser direcionado, buscando assim atender melhor aos *freqüentadores*.

Trabalhar o propósito é uma categoria interna que diz respeito à elaboração dos freqüentadores sobre suas expectativas na participação do rito, organizando-a em primeiro lugar, segundo uma divisão pelos dias da semana (...). Os freqüentadores aprendem a definir os propósitos e expectativas que os levaram a participar da dinâmica ritual, de tal forma que o fiel compartimentarize o tratamento de seus problemas, apresentando a Deus, por exemplo, o problema da busca do emprego do marido na segunda e a falta de animosidade do casal na quinta. (MAFRA, 2001. p. 57)

Há intenções e propósitos quando os sujeitos praticam esses ritos e, conforme suas próprias explicações, além de fortalecer a fé, essas sessões servem como oportunidade para os freqüentadores proporem os desafios e conquistar o propósito. O discurso da prosperidade, além de ser uma área de contato entre neopentecostalismo e cultura do consumo, é uma expressão do individualismo, visto que os propósitos – assim como a fé – estão relacionados apenas com os sujeitos que propõem o desafio. O iurdiano não insiste na conversão do próximo, não prega o evangelho e não participa de campanhas de caridades. Essas práticas podem ocorrer entre os colaboradores (pastores e obreiros) da igreja, mas entre os fiéis que são apenas “ouvintes”, o trabalho de evangelização é mínimo.

Ao contrário de outras religiões ou doutrinas, o neopentecostalismo pregado pela IURD exime o fiel de trabalhar em evangelização ou qualquer prática social desenvolvida pela instituição religiosa. Vale lembrar que, mesmo que a busca seja para tirar o filho “do vício”, é para o filho que essa mãe ou pai orará não para outras pessoas envolvidas com esse problema.¹⁸

Uma importante característica do neopentecostalismo é a insistência dentro de suas sessões espirituais na renovação da fé, realizada diariamente pela igreja por meio de campanhas – como o caminho do sal ou a aliança vermelha – e entendida pelos sujeitos participantes desse movimento como apoio importante. Todavia superar as adversidades da batalha espiritual ou conseguir alcançar algum propósito não depende de vontade divina ou da capacidade da Igreja Universal. Ao propor esse entendimento

¹⁸ Em três anos de pesquisa, nunca presenciei um momento de trabalho em conjunto pelo bairro sendo articulada pelos fiéis, prática que – quando eu era criança e vivia entre evangélicos – era comum.

da relação fiel/Igreja Universal/Deus, percebe-se que o elo que pode falhar nessa corrente são os sujeitos, pois a fé é algo inerente a estes, sendo oriunda e estimulada de acordo com a vontade do indivíduo.

Para os crentes, a guerra espiritual é ganha principalmente na defesa de certa postura na interação com o inimigo, sendo especialmente valorizada uma postura firme, serena e autocentrada. As atitudes excessivamente agressivas ou claramente tímidas são consideradas perigosas porque podem permitir o engolfamento da perspectiva crente na perspectiva do outro. (MAFRA, 2001. p. 57).

Por meio do discurso do fiel é possível relacionar neopentecostalismo e as características da realidade social em que vivemos como o consumismo, o individualismo e os impactos do neoliberalismo. A doutrina neopentecostal é uma expressão do cristianismo pertinente às características da nossa realidade. Aqueles que freqüentam os templos IURDianos fazem uso dos valores cristãos veiculados pela IURD, mas priorizam o discurso da prosperidade, que está vinculada aos elementos da cultura individualista e consumista. Dessa forma, esses sujeitos conseguem criar um discurso sobre a transformação, denegrindo a vida antes da conversão e projetando um futuro de conquistas, muitas delas ligadas a vitórias materialistas.

A relação quanto ao futuro é associada sempre à conquista, num antagonismo em relação ao passado. Se o ontem era derrota, o agora é o encontro com Deus por meio da Igreja Universal, o futuro é descrito no discurso dos fiéis e da Igreja como um momento quando os propósitos são alcançados.

Contudo, o futuro nunca se tornará presente. Para os sujeitos, o discurso iurdiano propõe que a busca pelo propósito seja algo constante. Nisso, conseguir o sonhado carro ou a casa própria não será o fim, o objetivo final na vida do iurdiano. A felicidade aparece na fala desses sujeitos como um sentimento que sempre poderá ser ampliado com as novas conquistas, mas nunca efetivamente ganho, pois sempre será estabelecida outra necessidade maior – o que é estimulado pela própria Igreja Universal.

Devido a essas características, o neopentecostalismo não utiliza em seus discursos termos relacionados ao metafísico. Raramente os fiéis ou a IURD usam expressões como “vida após a morte”, “vida no paraíso”, “evolução espiritual”. Os propósitos possuem uma relação entre fiel e uma conquista ainda em vida, uma sintonia com o discurso da prosperidade. Não há – entre esses sujeitos – o aguardo pela resposta

divina para os pedidos realizados e sim uma determinada exigência para que seus clamores sejam atendidos de prontidão.

Eu tenho, a expectativa que eu tenho lá é de vencer né, é de vencer tanto a mim quanto para minha família também, tenho fé em Deus que eu também vou conseguir levar minha família... para a igreja para poder vencer tudo que tiver de ruim aqui no mundo... porque só assim que a gente pode ganhar a salvação.¹⁹

Mas o que se entende pela palavra “vencer”? Diferente de outros segmentos religiosos, o neopentecostalismo estabelece que a vitória ocorra dentro de conquistas materiais e terrenas, não no plano metafísico. As disputas sociais se transformam em batalhas espirituais e a pobreza ou dificuldades na vida desses iurdianos são perturbações provocadas pelas batalhas e só podem ser superadas pela fé, que ganha um reforço necessário com as campanhas iurdianas.

Outra característica importante desse discurso neopentecostal está relacionada ao momento da chegada dessa vitória, que nunca acontece, ou seja, se torna algo sempre a *ser conquistado* pelo fiel. Essa fixação da conquista no futuro não significa que eles não identificam as prosperidades em suas vidas, mas que insistem em suas narrativas no momento presente como uma transformação. O importante é considerar o futuro como um momento de intensa prosperidade, fase em que os sujeitos poderão usufruir de tudo plantado no momento presente. Não se trata de vencer a batalha com o pensamento na vida após morte, mas sim em vida, em um futuro que – mesmo não chegando – estará presente nos discursos como “algo que vou conseguir”.

Essa percepção realizada pelo próprio fiel possui um afinamento com a proposta de novas políticas, as quais foram apresentadas no início desse texto. O individualismo e a busca por respostas imediatas são os motivos para que esses sujeitos acreditem e – mesmo de forma indireta – expliquem como o discurso da prosperidade é importante em suas próprias vidas.

Como o comportamento dos sujeitos neopentecostais lida com o próximo, com o outro? O discurso sobre diferença se trava mais por meio de um conflito de etnicidade ou de identidade política, abandonando assim o problema como uma questão social. Os meios de comunicação iurdianos maquiavam as dialéticas sociais, transformando-as em batalhas espirituais.

¹⁹ Entrevista Divina Vieira F. Requieri de 66 anos e Elizabete A. Ferreira Oliveira de 32 anos. Realizada em maio de 2006.

Há um silêncio na fala desses fiéis no que se refere ao relacionamento com o outro. O outro aparece como um incômodo ou é – na maioria das vezes – ignorado. No neopentecostalismo não há uma preocupação com o próximo, mas sim, uma demonização do outro (quando este não faz parte do universo iurdiano). Fica muito claro que, é divino aquilo mostrado pelo pastor ou pela mídia neopentecostal. Geralmente, a Igreja Universal interpreta trechos bíblicos para mostrar ou justificar o que é o universo de Deus. Fora desse cenário está o devorador e, junto com ele, o outro.

Além disso, os principais inimigos dos neopentecostais são elementos das religiões de origem afro-brasileiras. A demonização de diversas divindades do candomblé merece um estudo a parte, e aqui se reitera apenas como uma amostra de como o neopentecostalismo cria inimigos reais, não metafísicos. Por mais que a batalha tenha a apelação espiritual, ela possui toda sua luta travada no plano material. Os inimigos são reais e dividem o mesmo espaço dos sujeitos neopentecostais. Estes encostos, que possuem nomes oriundos de religiões afro-brasileiras, aparecem sob a forma de desemprego, desestabilidade familiar, problemas de saúde, crise financeira.

E quando os fiéis não conseguem o propósito? Certamente, como já mostrado, o elo mais fraco da corrente – o próprio fiel – é o principal responsabilizado. Quando não é atendido nos desafios propostos, o sujeito que frequenta as igrejas neopentecostais simplesmente abandona as sessões. Há uma grande rotatividade daqueles que frequentam a IURD, uma amostra de que muitas vezes desafios não são atendidos.

Todavia, antes de serem fiéis, de seguirem ou não o fanatismo proposto pela cúpula iurdiana, os neopentecostais são sujeitos sociais. Eles trabalham, disputam valores e significados e utilizam, para o bem próprio, o discurso neopentecostal. Vivem e praticam a cultura do consumo, do individualismo, do espetáculo assim como outros sujeitos dessa mesma sociedade. São sujeitos em disputa, utilizando discursos religiosos para travarem uma luta social real, que é dinâmica e não apresenta uma luz no fim do túnel. São sujeitos sociais que podem prosperar com o discurso neopentecostal e, quando não conseguem êxito, mudam com facilidade a doutrina ou o discurso.

Esmagados pelo individualismo, os sujeitos que seguem essa doutrina religiosa mostram, em diversos momentos, com palavras e silêncios, com atitudes ou até com a inércia, idéias e valores para se beneficiarem. Simplesmente, o sujeito consegue na Igreja Universal algo que outras instituições não fornecem. A Igreja Universal aborda os sujeitos com uma linguagem simples e com propostas claras de conquistas e vitórias,

conseguindo arrebanhar um grande número de pessoas, que passam por diversos problemas.

A Igreja Universal cresce em meio à decadência de um modelo econômico que esmaga as possibilidades de adquirir qualidade de vida. Para alcançar o indivíduo, a doutrina neopentecostal se veste do manto cristão, utilizando muitos valores e práticas do cristianismo. A IURD, ao utilizar a cultura cristã como pano de fundo de sua doutrina e colocar a praticidade, o individualismo e o consumismo como representantes principais dentro do discurso da Igreja, consegue atingir um número maior de sujeitos. E esse tipo de fé cresce rapidamente sobre um terreno fértil de promessas de ascensão social e de garantias de boa qualidade de vida. Não há ingenuidade ou malícia de nenhum lado, seja da Igreja, seja dos freqüentadores. Se essa doutrina cresce quantitativamente e qualitativamente não é devido somente, devido a um belo discurso. É importante olhar para as cadeiras, cravar olhares sobre cada um daqueles que freqüentam essa doutrina, entendendo as trajetórias desses sujeitos. São pessoas que buscam no discurso da prosperidade formas de reverter os problemas enfrentados no cotidiano, mesmo numa fria manhã de domingo, com chuva e com um céu cinza e sem graça.

Considerações finais

O espetáculo da fé, como alguns autores têm apontado, chama muito a atenção, mais do que as centenas – ou milhares – daqueles que estão na platéia. Os gritos e performances sobre o palco são sedutores, inclusive para os pesquisadores. Entretanto a proposta principal deste estudo sobre os neopentecostais foi propor um olhar social, entendendo como as disputas travadas no espaço urbano motivam os sujeitos a procurarem diferentes formas de superação dos obstáculos criados pelas tensões sociais.

Buscou-se retirar do senso comum a idéia simplificadora de que os fiéis são sujeitos ignorantes enganados por um espetáculo. Ao mesmo tempo, esta monografia não propõe a ser um espaço para dar voz aos sujeitos e sim, entendê-los como integrantes de uma sociedade que exclui e ignora os problemas sociais. A cultura individual e consumista, compartilhada pelos meios de comunicação, cria uma idéia de acessibilidade, de democracia. Produtos, valores, informações, conhecimento: tudo assume uma aparência de democracia, de estar acessível a todos os integrantes de uma sociedade. Sabemos que não são somente os bichos que não podem ter carros novos ou até os ditos *populares*, como propõe a publicidade.

Como entender o neopentecostalismo? A proposta, sugerida neste trabalho, é percebê-lo como um movimento relacionado a um discurso que consegue seduzir os fiéis por ser pertinente à realidade social, utilizando as vestes do cristianismo e ocupando o espaço aberto pelo neoliberalismo. Não há extorsão, hipnose ou outras práticas que podem explicar essa *corrida do ouro*. Há interesses e sonhos que são alimentados pela cultura do consumo e crescem no terreno fértil da miséria aberta pela ausência de políticas sociais.

Os sujeitos que freqüentam essa doutrina acreditam no discurso neopentecostal e aspiram às conquistas propostas, além de identificarem a presença da doutrina cristã. Os fiéis assumem, neste texto, o papel de protagonistas, que utilizam o espaço e o discurso iurdiano como forma de superação dos enfrentamentos encontrados no cotidiano. Por meio de palavras e silêncios, foi possível colher mais do que informações sobre a doutrina neopentecostal. Essa colheita revelou como os sonhos, esperanças e expectativas florescem em meio ao medo e disputas criadas no interior da sociedade.

Relação de fontes

Entrevista realizada com Divina Viani Ferreira Requieri, 66, em maio de 2006.

Entrevista realizada com Erik Fadul Magalhães, em fevereiro de 2005.

Entrevista realizada com Juceli de Fátima Silva, 39 em maio de 2007.

Entrevista realizada com Luiz Carlos da Silva, em fevereiro de 2005.

Bibliografia

- ALBERTI, Verena. *História Oral. A experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1990.
- ALÉM, J. M. *Representações coletivas e história política em Uberlândia*. In: *História Perspectivas*. Uberlândia: Gráfica da UFU, jan./jun., 1991.
- ALMEIDA, Paulo. R.; KHOURY, Yara A. História Oral e Memória: Entrevista com Alessandro Portelli in *História e Perspectivas*. Uberlândia: Edufu, v. 25/26, 2001/2002, p. 27-54.
- ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho?: Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. São Paulo: Cortez, 1995.
- CAMARGO, Aspasia Alcântara de. *História oral: técnica e fonte histórica*. In: *Programa de história oral: catálogo de depoimentos*. Rio de Janeiro: FGV/INDIPO/CPDOC, 1981.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- COSTA, Emília Viotti da. *A Dialética invertida: 1960-1990*. In: *Revista Brasileira de História*, n. 27, São Paulo: Marco Zero, 1994.
- FENELON, Déa Ribeiro. *O historiador e a cultura popular: história de classe ou história do povo?* In: *História Perspectiva*. n.6, Uberlândia, Gráfica da UFU, jan./jun. 1992.
- FENELON, D. R.; MACIEL, L. A.; ALMEIDA, P. R.; KHOURY, Y. A.; *Muitas Memórias, Outras Histórias*. Ed. Olhos d'Água. São Paulo, 2006.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, 5º Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2002.
- FONTANA, Josep. *História: análise del pasado y projecto social*. Barcelona: Editorial Crítica Grijalbo, 1982.
- FRANCISCO, Adilson José. *Vivências e ressignificações do neopentecostalismo em Rondonópolis (1993-2006)*. São Paulo: PUC-SP, 2007. 163 p. Tese (Doutorado)
- HOBBSBAWM, Eric J. *Mundos do Trabalho*. São Paulo, Paz e Terra, 1988.
- KHOURY, Y. A. *Narrativas Orais na Investigação da História Social*. In: *Núcleo de Estudo Cultura, Trabalho e Cidade. História e Oralidade - Projeto História 22*. São Paulo, EDUC, 2001. p. 79 – 103.

KHOURY, Yara A. Diversidade Cultural, Inclusão Social e a Escrita de História. XIV CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL Rio Branco-Acre. 2-5/05/2006.

JUSTINO, M. *Nos Bastidores do Reino*. São Paulo, Geração Editorial, 2001.

MAFRA, Clara. *Os Evangélicos*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2001.

MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. *Estud. av.* [online]. 2004, vol. 18, no. 52 [cited 2006-12-05], pp. 121-138. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300010&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0103-4014.

MARTINS, Heloísa de Souza & RAMALHO, José Ricardo (orgs.) *Terceirização: diversidade e negociação no mundo do trabalho*. São Paulo: Hucitec: CEDI/NETS, 1994.

MENDONÇA, Mauricio. *A Teologia da Prosperidade*. Artigo publicado no site www.espirito.org.br dia 01/07/2004 e retirado do site dia 22/07/2006

MÉSZÁROS, István. *A necessidade do controle social*. São Paulo: Ensaio, 1993.

PAOLI, Maria C. *Trabalhadores urbanos na fala de outros: tempo, espaço e classe operária brasileira*. In: *Cultura & Identidade Operária*. São Paulo: Marco Zero, 1987.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PORTELLI, A. História Oral como gênero. In: *Núcleo de Estudo Cultura, Trabalho e Cidade*. História e Oralidade Projeto - História 22. São Paulo, EDUC, 2001. p. 9 – 36.

PORTELLI, A. O momento da minha vida: funções do tempo na história oral in *Muitas Memórias, Outras Histórias*. Tradução de Helen Hughes e Yara Aun Khoury. São Paulo: Editora Olho d'Água, 2000.

THOMPSON, E. P. *Tradição, revuelta y consciencia de clase: estudios das Crises del Sociedade Pré-industrial*. Barcelona: Editorial Crítico, 1989. A formação da classe operária inglesa. Vol. I, II, II, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, E. P. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Tradução de Denise Bottman, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria: ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. p. 182. Título original: *The poverty of Theory*.

WEBER, MAX. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo, Martin Claret Editora, 2003.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1987.

YÚDICE, George. *A conveniência da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.